



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7355 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

LUTA AMADA: CARTOGRAFIA DAS ALIANÇAS E LUTAS FRENTE À IMPLEMENTAÇÃO DE MODALIDADES DE ENSINO NÃO-PRESENCIAL NA GRANDE VITÓRIA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19.

Marcia Roxana Cruces Cuevas - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Daniel Barros Bermudes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Júlia Cibele Gomes Santos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: não

LUTA AMADA: CARTOGRAFIA DAS ALIANÇAS E LUTAS FRENTE À IMPLEMENTAÇÃO DE MODALIDADES DE ENSINO NÃO-PRESENCIAL NA GRANDE VITÓRIA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19.

A educação, enquanto bem público e direito a ser assegurado pelo Estado brasileiro, deve garantir a permanência e a qualidade em todas as modalidades e todos os níveis de ensino. Dessa forma, a luta por um modelo de educação pública, gratuita, inclusiva e de qualidade social implica na defesa radical da democracia. A escola constituída como um campo de afecções e de tensionamentos, em suas multiplicidades de relações entre gêneros, gerações, etnias, classe e outras existências singulares (ROCHA, 2007), presentifica um dos maiores medos do Brasil conservador. Nos últimos anos, com a ascensão intensa do conservadorismo, houve um crescente movimento de descredibilização da educação pública em seu papel de transformação social de forma que o seu sucateamento fosse não só ampliado como endossado por parte da população, incentivando ainda mais a disputa injusta e desproporcional em relação aos serviços de educação privada. Nesse sentido, em contraposição a um modelo de educação em sua proposta conectiva e disruptiva no encontro com a diferença, há uma crescente defesa por setores da sociedade de um modelo de educação domiciliar para a educação básica, inspirada no modelo estadunidense de ensino chamado “homeschooling”, em sua proposta conservadora e individualista de prática educativa, comprometendo o caráter integrativo e social do processo de aprendizagem.

Aliado a esse contexto, então, a chegada do COVID-19 ao Brasil no início de 2020 surge como possibilidade para implementação e fortalecimento desse modelo privativo de educação, devido à necessidade de isolamento social para reduzir o contágio. As plataformas virtuais surgem como principais e mais seguros meios de comunicação em meio à impossibilidade de encontros físicos devido aos riscos sanitários, o que evidenciou a grave disparidade de acesso populacional a tecnologias digitais, colocado em voga o debate sobre inclusão digital. O governo do Espírito Santo instituiu, então, o programa *EscoLAR* no contexto da educação básica como projeto de Atividades Pedagógicas Não-Presenciais, modelo esse extremamente questionado pelos movimentos e fóruns populares; enquanto isso,

a única universidade federal e pública do estado (UFES), adere a um modelo de ensino remoto chamado *EARTE* (Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário Emergencial) ao final de Agosto, indo na contramão de todas as mobilizações e demandas das categorias organizadas da universidade.

É importante, nesse contexto, realizar análises tanto dos processos de gestão e de trabalho em práticas educacionais como dos processos de resistências em vias não institucionais, diante das políticas subjetivas nas quais estamos inseridos. Para tanto, partimos do compromisso com a transformação social como base e rigor-metodológico do estudo, tendo a pesquisa-intervenção como ferramenta de experimentação (ALTOÉ, 2004). Aqui a pesquisa-intervenção tem orientação central na proposta de Maturana e Varela (1995) de que a experiência do trabalho emerge em um saber, uma vez que todo conhecer é um fazer e todo fazer é um conhecer. Nesse sentido, para guiar e referenciar as vivências nos campos de investigação, utilizamos o método cartográfico como ferramenta. A cartografia na pesquisa intervenção, então, abre espaço para pensar a produção do conhecimento acompanhando e intervindo nos processos e percurso que traçamos. Deleuze e Guattari (1995) pensam a cartografia como um percurso que compõe um mapa afetivo e existencial, que se constitui de forma dinâmica à medida que experimentamos os encontros que deslocam a vida.

Buscamos produzir uma pesquisa que considere a inventividade do processo de aprendizagem grupal, entendendo grupo como encontro de pessoas no tempo-espaço, em que todos os processos constituídos entre e a partir delas, em sua multiplicidade e tensões, geram transformações e novos movimentos (ROCHA, 2006). Acompanhamos e compomos, nesse sentido, espaços como o Fórum EJA do Espírito Santo, a Frente Popular em Defesa do Direito à Educação, um projeto de extensão com discentes, docentes e pesquisadores de educação do estado, entre outros espaços de coletivização; espaços estes onde pudemos compartilhar, mesmo que de forma remota, os desafios que a vida presentifica. Tomamos como horizonte políticas de alianças intensivas que produzem diferenciações a partir da coletivização de experiências (OLIVEIRA E RODRIGUES, 2016). Acreditamos no coletivo como forma de tensionar e disparar processos de singularização e diferenciação, assim produzindo analisadores das questões já incrustadas e naturalizadas nas formas de fazer alianças. Nestes encontros investimos na escuta como processo de experimentação dos processos de formação, uma vez que, a partir disso, é possível produzir uma formação problematizadora e inventiva no encontro com a alteridade (HECKERT, 2007).

Ao longo da pesquisa-intervenção foi possível produzir problematizações através da produção de espaços de escuta, sendo perceptível a demanda desse elemento na constituição dos grupos. O exercício da escuta ativa possibilitou a constituição de vínculos e afirmação de potências criativas em práticas educacionais coletivizadas, práticas essas que consideram a particularidade das diversas modalidades de ensino entendendo, por exemplo, que as demandas dos sujeitos na Educação de Jovens e Adultos é completamente diferente das demandas na Educação Infantil e no Ensino Superior. A escuta ocupou, portanto, uma das mais importantes ferramentas na produção de alianças no exercício de transformação social, sendo esse o ponto chave da Luta Amada - termo usado por um docente e pesquisador da EJA em um de nossos encontros - como experimentação do cuidado com o coletivo.

As análises em curso, já que a pesquisa está em seu início, nos levam a compreender que produzir políticas coletivas significa afirmar movimentos instituintes como força criadora em contraposição à uma política neoliberal que se consolida em processos individualizantes (ALTOÉ, 2004). Finalmente, aprendemos que urge a constituição de canais de diálogos diretos com as comunidades para compreensão da materialidade das questões dos indivíduos e da pluralidade das demandas, já que nas ações constituídas experienciamos uma busca sedenta por espaços de expressão do vivido, mostrando a necessidade de oferta e manutenção

de espaços-tempos de escuta. A compreensão da pluralidade de demandas dos corpos que ocupam os espaços educacionais exige a construção de uma micropolítica do cotidiano (ROCHA, 2007), uma vez que se a educação não for inclusiva ela não será emancipadora. Nesse sentido fica perceptível a demanda de um processo educacional emancipador que não se feche ao privado do *(esco)lar*.

Palavras-chave: Educação Popular. Pandemia. Movimentos Populares. Escuta Ativa

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, S. **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Vol. 1**. Editora 34, 1995.

HECKERT, A. L. C. Escuta como cuidado: o que se passa nos processos de formação e de escuta. **Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor**, v. 1, p. 199-212, 2007.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy, 1995.

OLIVEIRA, J. A. M.; RODRIGUES, H. D. B. C. Uma política de aliança intensiva na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). **Revista Tempos Gerais**, 4(2), 2016

ROCHA, M. L. Psicologia e as práticas institucionais: A pesquisa-intervenção em movimento. **PSICO**. Porto Alegre, v. 37, n. 2, pp. 169-174, maio/ago. 2006.

ROCHA, M. L. Prefácio. In: ARAGÃO, E. A. M.; BARROS, M. E. B.; OLIVEIRA, S. P.; (Org.). **A (re)invenção da escola: desafios contemporâneos para o trabalho do psicólogo**. 1ed. Vitória: Saberes Instituto de Ensino, 2007, v. 1, p. 3-6.